

BRATHAIR

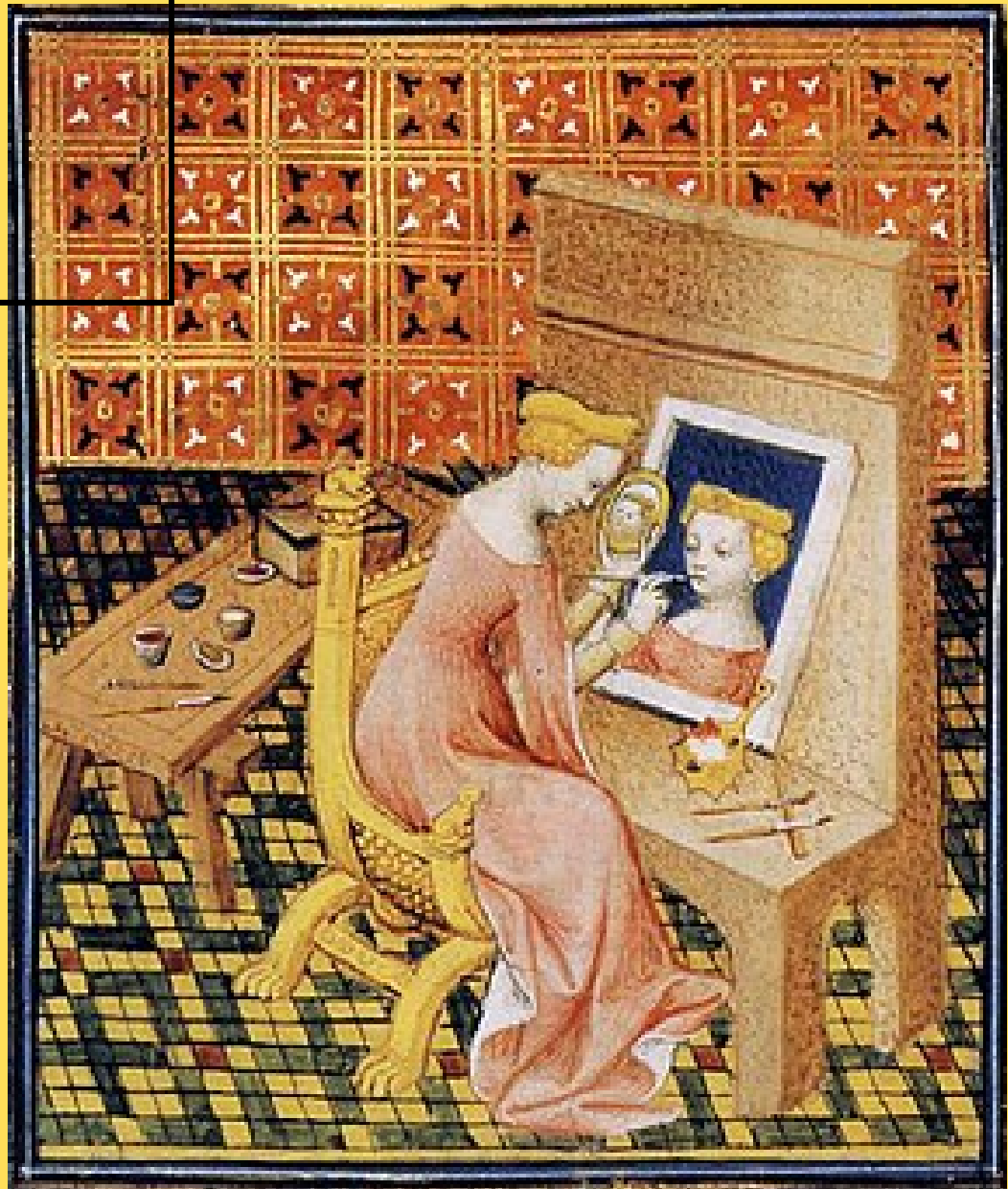
Brathair



2022
ISSUE 2/
VOLUME 22

DO VESTÍGIO INDIVIDUAL À
TOTALIDADE SOCIAL: A
PRODUÇÃO DA DIFERENÇA
ENTRE CELTAS E GERMANOS

Organizadores:
Adriana Zierer
Marcus Baccega



ISSN: 1519-9053

DO VESTÍGIO INDIVIDUAL À TOTALIDADE SOCIAL: A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA ENTRE CELTAS E GERMANOS

From individual vestige to social totality: the production of the difference between celts and germans

Prof. Dra. Adriana Zierer

Docente da Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão
(UEMA)

Docente da Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5545-5123>

E-mail: adrianazierer@gmail.com

Prof. Dr. Marcus Baccega

Docente da Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão
(UFMA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2195-5028>

E-mail: marcus.baccega@ufma.br

EDITORIAL

Com este dossiê, o nosso objetivo constitui-se em entretecer narrativas de longa duração que vinculam nossa cultura popular a um passado por vezes insuspeito, com ênfase em Estudos Medievais e Antigos sob uma perspectiva epistemológica, à sua maneira, crítica e decolonial, bem como as conexões com o tempo presente.

Como nos ensina Antonio Gramsci nos célebres *Cadernos do Cárcere* (1937-1941), quando o antigo não feneceu ainda por completo e o novo ainda não nasceu por completo, estamos diante de **paisagens históricas mórbidas**. Não são mórbidas no sentido de soturnas ou decrépitas, e sim no misterioso sentido da revolução permanente de si mesmas a cada momento histórico, da permanente mutação. Atualmente temos sido, no campo dos estudos historiográficos, capazes de compreender nossa própria história por meio de uma perspectiva global e conectada, o que suscita enlaces civilizatórios de longa duração e seus *passseurs culturels*, como leciona Serge Gruzinski em *A Colonização do Imaginário* (publicado inicialmente em 1988).

Tais contribuições teóricas nos permitem vislumbrar o século XVI, justamente, como aquela paisagem mórbida em que a crise do Feudalismo ainda não desconstituiu a cultura medieval – muito longe disto, por sinal – e o Capitalismo não atinge ainda sua percepção sistêmica como totalidade hegemônica. Neste século XVI, houve muito concretamente o fenômeno que o historiador mexicano Luís Weckmann nominou *transposição feudal* para a América Portuguesa e a América Hispânica (*La Herencia Medieval de Brasil*, 1993). Nas palavras do medievalista Jérôme Baschet, o Feudalismo “finca os pés” na América no século XVI (*A Civilização Feudal – Do ano mil à colonização da América*, 2006).

Desejamos, no fundo, recontar uma grande História. Uma História do Brasil com eixo nas expressões da cultura popular, que se faça a contrapelo das representações hegemônicas da cultura autointitulada *erudita* (como propugna Walter Benjamin na sétima de suas *Teses sobre o conceito de História*, de 1940). Esta História tem sua inspiração nutrida por uma possibilidade de leitura do título daquela que, talvez, seja a obra-prima de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956). Narra-se um trecho sobre o Brasil profundo, suscitando-nos a ideia de que o título poderia ser lido desta forma: “Grande é ser tão veredas”, portanto, grande é ser tantos caminhos.

O Brasil tem esta grandeza, própria aos espaços e sociedades transculturados (Fernando Ortiz), e jamais poderá ser compreendido, em uma perspectiva de profundidade hermenêutica, sem suas heranças medievais. Nestas tantas veredas que, desvelando uma enigmática interseção de temporalidades, forjam o Brasil, o Nordeste talvez seja o mais pródigo em heranças medievais. As mesmas remeterão a História do Brasil para muito antes da conquista e colonização portuguesa no sul do continente americano.

No século IX, a *Navigatio Sancti Brandani*, uma circunavegação (típica da prática ritual céltica do *imran*) em busca do Paraíso (Jardim do Éden, então considerado um local concreto), situa o mesmo sobre a uma ilha próxima àquela dos mortos (e das maçãs), Avalon (FRANCO JR., 2021; ZIERER, 2013). A ilha denominava-se *HyBrasil* (ou *O’Brazil*) a “Ilha Brasil”¹, uma expressão em gaélico para “Ilha Afortunada”, por sua vez também próxima a outra formação geográfica sobre a qual se projetou o imaginário paradisíaco. Trata-se do nome celta para o rio caudaloso que percorria as terras de O’Brazil, *HyMaragnon*, herdado pelos conquistadores castelhanos e por eles

adotado para designar o vasto Rio Amazonas, a partir da expedição de reconhecimento de Américo Vespúcio, em 1504, a soldo da Coroa de Castela e Aragão. Tal concepção edênica projetada sobre nosso território se reflete, de modo inequívoco, em corografias como a célebre *Relação Sumária das Cousas do Maranhão*, escrita pelo cristão-novo Simão Estácio da Silveira em 1624, endereçada “aos pobres deste Reino de Portugal”.

Se enfocarmos a citada ilha dos mortos, Avalon, havemos de nos lembrar do mito arturiano, conforme o qual o Rei Artur lá permanece *encantado*, em um estado indefinido entre a vida e a morte, após a batalha de Camlann (versões bretã e alemã de *A Demanda do Santo Graal*) ou Ganzestre (versão portuguesa de *A Demanda do Santo Graal*). Quando os tempos se precipitarem, o Rei de Camelot deverá regressar de Avalon e restaurar a glória de seu reino, onde será o rei cristão messianicamente destinado a governar a terra de promessa dos justos com o Santo Graal (FRANCO JR., 2010; BACCEGA, 2015; ZIERER, 2021).

Não é mero acaso que se tenha fabulado uma escatologia homóloga – mais que simplesmente análoga – para o retorno messiânico de Dom Sebastião, que, até seu retorno para fundar o Milênio dos Justos na Corte de Queluz (BRAGA, 2001; BACCEGA, 2018; ZIERER, 2021). O mesmo Dom Sebastião fez-se presente nas promessas messiânicas, verdadeiras profecias, de Antônio Conselheiro em Canudos e do Beato José Maria na Guerra do Contestado (1916). As leituras que embasaram as concepções messiânicas do Conselheiro e do Beato? A Bíblia Sagrada e as canções de gesta com narrativas cavaleirescas dos *Doze Pares de França*, sobrevivências de longa duração na cultura popular do Nordeste.

É preciso destacar promoções culturais como a Exposição LUSA do CCBB apresentada no Rio de Janeiro e em Brasília em 2008, que, juntamente com o serviço do Patrimônio Histórico Português e professores da Universidade de Coimbra, mostrou o legado da cultura céltica em Portugal e sua consequente relevância para a história, a sociedade e o público brasileiros. Neste sentido, também é preciso lembrar que várias manifestações culturais do Brasil colonial, bem como diversas festas e hábitos do folclore brasileiro estão diretamente ligados às tradições celtas e germânicas da Antiguidade e da Idade Média. Para citar somente alguns exemplos, temos as benzeduras, a festa do pau de Santo Antônio e a Folia de Reis, sem falar nas tradições orais e no uso das gaitas-de-foles trazidos ao Brasil colonial por portugueses, galegos e bretões que para cá migraram. Assim, faz-se necessário ampliar – e muito – a

sensibilidade analítica das Ciências Humanas para fortalecer essas áreas de estudo no Brasil.

Nosso título não é ocasional, menos ainda fortuito. Metodologicamente, pretendemos dialogar criticamente com a perspectiva da Micro-História, sobretudo as contribuições de Carlo Ginzburg em *Relações de Força – História, Retórica, Prova* (2002), mas nosso transfundo teórico e metodológico reside na inovadora perspectiva analítica desenvolvida pelo historiador francês contemporâneo Joseph Morsel, que possui um importante artigo que abre o nosso dossiê. Em brilhantes textos de Teoria da História como *Traces? Quelles Traces? Réflexions sur une Histoire non passéiste* (2016) e *Le diable est-il dans les détails? L'historien, l'indice et le cas singulier* (2019), ambos ainda sem tradução para o português, Morsel (Université de Paris 1-Panthéon Sorbonne) expõe sua inédita leitura epistemológica da História e da Micro-História.

Em breves palavras, a crítica ao denominado *paradigma indiciário* de Carlo Ginzburg refere-se à percepção, nos trabalhos de Morsel, de que subjaz um hiato não equacionado pelo grande historiador italiano. É corretíssimo o raciocínio de Ginzburg quanto a concentrar a análise nos casos singulares (por exemplo, o moleiro Menocchio em *O Queijo e os Vermes* de 1976) e desejar praticar o que, mais recentemente, o francês Jacques Revel considera um *jogo de escalas*. No entanto, pondera Morsel, não há uma clara expressão metodológica do percurso analítico para se atingir, a partir do caso singular, a totalidade social, objeto, por excelência, da História. Assinalando tal lacuna, propõe-se que este método repousa exatamente na dialética hegeliano-marxiana, que conecta a singularidade do acontecer social à totalidade das relações sociais como uma totalidade completa. Por certo não se trata de uma totalidade empírica ou passível de mensuração em seus detalhes materiais e ideais, mas uma totalidade como real histórico concreto, síntese analítica de múltiplas determinações.

É precisamente este exercício de razão histórica, pensado no diapasão presente-passado-presente, que nossa edição pretende suscitar e para o qual deseja contribuir substancialmente.

Nesta edição, intitulada **Do Vestígio Individual à Totalidade Social: a produção da diferença entre celtas e germanos** temos vários artigos instigantes, como o do importante medievalista e germanista francês **Joseph Morsel (Université de Paris 1 – Panthéon Sorbonne)**, especialista em aristocracia medieval germânica da Idade Média Central (séculos XI a XIII). Aqui ele nos fala sobre a História Medieval enquanto

ciência da diferença e que se baseia em mudanças na sociedade, linha defendida desde o saudoso Marc Bloch em *Apologia à História*.

Contamos também com um nome de peso da medievalística brasileira, **Hilário Franco Júnior (École des Hautes Études en Sciences Sociales/FFLCH-USP)** entre os nossos articulistas, o qual teve inclusive a sua relevante obra a *Cocanha, a História de um País Imaginário* (1998) prefaciada por Jacques Le Goff e posteriormente traduzida na França (2013). O autor se volta aqui a um tema que se comunica diretamente ao mito das Ilhas Afortunadas e da Busca pelo Paraíso Terrestre, por meio da sua análise do relato português *Vida de Santo Amaro* ou *Conto de Amaro*, narrativa próxima da *Navigatio Sancti Brandani*. Em seu artigo, Franco Jr. estabelece pontos convergentes e divergentes sobre esses dois viajantes de ilhas míticas paradisíacas, Brandão e Amaro.

Também destacamos o relevante artigo do **Professor John Greenfield (Universidade do Porto)**, sobre o tema da justiça e da vingança em *Willehalm*, de Wolfram von Eschenbach, poema épico produzido no século XIII e uma das mais importantes obras da literatura alemã medieval. Além dele, temos também o interessante ensaio da **Professora Clara Barros (Universidade do Porto)**, sobre as origens da língua portuguesa, origens estas que possuem fundo céltico, entre outras influências.

Devemos rememorar, neste instante, que a palavra *O'Brasil* procede do gaélico irlandês do século IX, significando precisamente “Ilha Afortunada”. Não é demasiado recordar, igualmente, que os *Lusitani*, romanizados a partir da expansão da República Romana no século II a.C., eram uma das diversas populações celtas existentes nos futuros territórios de Portugal e Espanha. Essas narrativas se misturaram com o imaginário cristão, como é o caso do artigo de **Ana Márcia Siqueira, professora da Universidade Federal do Ceará (UFC)**, versando sobre perfis femininos negativos (e mesmo diabólicos), narrados no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, como a Dama do Pé de Cabra e a Lenda de Gaia. Nessas narrativas há personagens de origem sobrenatural que auxiliam o enaltecimento de cavaleiros da nobreza, provenientes das famílias dos Haros e dos Maias. As narrativas versam sobre mulheres com origem sobrenatural, com fundo celta, como a personagem Melusina (daí serem conhecidos como contos melusinianos). Esses relatos medievais, como demonstra a autora, foram

relidos e reapropriados por Alexandre Herculano no século XIX, enfatizando elementos da sociedade patriarcal da época do Romantismo.

Mostrando as diferenças no interior do cristianismo por meio do pensamento de São Francisco de Assis e de seus frades, temos o artigo da **Prof. Ana Paula Tavares Magalhães, da Universidade de São Paulo (USP)**. A autora analisa duas obras de companheiros de Francisco, consideradas não-oficiais, o *Speculum perfectionis minus* (EPM) e o *Speculum perfectionis* (EP), uma variação com acréscimos do mesmo manuscrito. São obras com espírito eremítico, que seguiam as ideias de Francisco e são consideradas marginais no seio do cristianismo oficial. Já o **Prof. Mário Jorge da Motta Bastos (UFF)** nos mostra a importância das lutas de classes para as transformações sociais ocorridas na Antiguidade e Medievo, tendo como base o pensamento de Marx e Engels.

Na parte da edição referente aos artigos livres, apresentamos dois textos que enfocam o papel da Literatura para a compreensão da Antiguidade e do Medievo. **Mariana Virgulino, Doutora em História na Universidade Federal Fluminense (UFF)**, discute a sexualidade feminina por meio de hinos homéricos na Grécia Antiga do período arcaico (sécs. VIII-VI a.C.) ao clássico (sécs. V e IV a.C.), em especial por meio do *Hino Homérico V: a Afrodite*, no qual se percebem aspectos misóginos. Já o **Professor Geraldo Augusto Fernandes, docente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC)** faz uma análise acerca de gêneros literários no período medieval, em especial os *Cancioneiros* e elenca as suas principais características, tendo por base autores como Moisés, Tavani, Fox Morcillo, Mórán Cabanas, entre outros.

Diz o protagonista de *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo, que “vivendo, se aprende; mas o que mais se aprende, mesmo, é a fazer outras maiores perguntas”. Esta edição reúne pesquisadores e professores do exterior e de diversos estados brasileiros e conta com contribuições internacionais para articular essas “outras maiores perguntas” sobre a História profunda do Brasil “medieval”, terra de tantas promissões.

Neste espectro, pretendemos fortalecer a revista **Brathair** como polo de pesquisas, estudos e discussões historiográficas e de ciências sociais afins como o Marxismo, a Teoria Literária, a Filosofia, a Antropologia e a Sociologia, acerca destas heranças medievais do Brasil profundo, assim valorizando a rica e diversificada

interseção de culturas e temporalidades que, em um complexo processo de transculturação, forjaram as sociedades nordestinas e a brasileira, em um plano maior.

Afinal, como pondera Walter Benjamin na décima-quarta de suas *Teses sobre o conceito de História* (1940), “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. Nosso *agora* histórico pretende ser, decolonialmente e em uma perspectiva de História Global e Conectada que observa no Atlântico o enigma historiográfico de uma gramática de temporalidades, o Brasil.

REFERÊNCIAS

A Demanda do Santo Graal. Ed. de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.

BACCEGA, Marcus. O Touro Encantado na Noite dos Tempos: Sebastião, Sacramento de Artur. In: BACCEGA, M. (Org.). **Combates e Concórdias: temporalidades do conflito e da conciliação na tradição medieval.** Curitiba: CRV, 2018, p. 35-50.

BACCEGA, Marcus. **O Sacramento do Santo Graal. Decifrando o imaginário medieval.** Curitiba, Prismas, 2015.

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal. Do ano mil à colonização da América.** Rio de Janeiro: Globo, 2006.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. _____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008.

(*Teses sobre o conceito de História* – 1940). Disponível em:

https://www.proibidao.org/wp-content/uploads/2011/10/Sobre-o-conceito-de-historia_Walter-Benjamin.pdf ;

acesso em 10 de dez de 2022.

BRAGA, Pedro. **O Touro Encantado na Ilha dos Lençóis. O Sebastianismo no Maranhão.** Petrópolis: Vozes, 2001.

FRANCO JR., Hilário. O Retorno de Artur: o imaginário da política e a política do imaginário no século XII. In: **Os Três Dedos de Adão.** São Paulo: EDUSP, 2010, p. 173-192.

FRANCO JR., Hilário. **Cocanha. A História de um País Imaginário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Prefácio Jacques Le Goff. (Edição francesa: **Cocagne: Histoire d'un pays imaginaire.** Paris: Arkhé, 2013).

FRANCO JR., Hilário. **Em Busca do Paraíso Perdido: as utopias medievais.** São Paulo: Mnêma, 2021.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Relações de Força – História, Retórica, Prova.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere (Vol. 1): Introdução ao estudo da filosofia.** Edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, v. 1.

GRUZINSKI, Serge. **A Colonização do Imaginário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MEGALE, Heitor. **A Demanda do Santo Graal: das origens ao códice português.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MORSEL, Joseph. *Traces? Quelles Traces? Réflexions sur une Histoire non passéiste.* **Revue Historique**, n. 680, p. 813-868, 2016/4. Disponível em:

<https://www.cairn.info/revue-historique-2016-4-page-813.htm> ; acesso em 21 dez 2022.

(2016)

MORSEL, Joseph. *Le diable est-il dans les détails? L'historien, l'indice et le cas singulier* (2019). **Carte d'identités**, Hermann, p. 123-149, 2019. Disponível em:

<https://www.cairn.info/carte-d-identites--9791037001535-page-123.htm>

Navigatio Sancti Brendani Abattis. Ed. de C. Selmer. Notre Dame: University of Notre Dame, 1959.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar.** Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** 22 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVEIRA, Simão Estácio. **Relação sumária das cousas do Maranhão** - dirigida aos pobres deste Reino de Portugal. São Luís: Edições AML, 2013.

WECKMANN, Luis. **La Herencia Medieval de Brasil.** Ciudad de México: Inst. de História da UNAM, 1993.

ZIERER, Adriana. **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal**. Uma outra viagem pela Idade Média. São Luís: Ed. UEMA/Apoio FAPEMA, 2013.

Disponível em:

https://www.academia.edu/43534982/DA_ILHA_DOS_BEM_AVENTURADOS_%C3%80_BUSCA_DO_SANTO_GRAAL_Uma_outra_viagem_pela_Idade_M%C3%A9dia_livro_completo

Acesso em 08 ago 2022.

ZIERER, Adriana. O Rei Artur e D. Sebastião entre as Simbologias do Dragão, do Urso e do Touro: do Medievo À Contemporaneidade. **Revista de História Comparada** - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 178-227, 2021. Disponível em :

<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/39421/pdf>

Acesso em 10 nov. 2022.